

Escrevivendo passados e presentes com minha avó: histórias sobre terra e território entre o interior e o litoral da Paraíba

Maria Clara Vieira da Silva

Resumo

Leonilda Maria da Silva, conhecida como Nem, é paraibana, nascida em Serra da Raiz e crescida por muitos territórios. Ela, assim como tantos, fez o percurso de sair da sua cidade natal, no interior, e ir para a capital em busca. Busca, no seu caso, de estudo. Com doze anos ela decidiu sair de casa, sozinha, atrás dos seus tios para morar em Santa Rita, na região metropolitana de João Pessoa. Esse desejo de estudar foi logo interrompido pela vontade de outros, vontades que se repetiram de diversas formas na sua vida. Nem é minha avó, e essa história foi falada várias vezes, desde que me entendo por gente. Também, muitas das vezes que ela começava a contar suas histórias, Nem falava que queria escrever um livro com tudo que ela já viveu, mas essa parecia uma ideia muito distante, provavelmente por ter pouca perspectiva de aprender a ler e escrever. A partir deste desejo-demanda que ficou em minha cabeça durante anos, eu iniciei uma pesquisa familiar em torno de Nem e dos territórios pelos quais ela percorreu/percorre, ao mesmo tempo que trago minhas próprias vivências pelos territórios que transito, partindo de uma escolha em sair de casa para morar em outro estado, a fim de estudar. Este artigo traz algumas partes desta pesquisa, que é o início do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo, na UFMG.

Palavras-chave: Memória. Território. Vivências. Estudos. Trânsito.

Introdução

A escrita não está acima do meu fazer, mas ela é cúmplice dele. Quando a gente faz junto, as histórias vão aparecendo para compor este cotidiano. Escre-ver este dia a dia, a partir da Escrevivência de Conceição Evaristo, é tentar narrar as vivências da minha avó, Leonilda Maria da Silva, ou mais conhecida como Nem, ao mesmo tempo que

trocamos experiências e relatos dos nossos encontros e memórias. Esse desejo compartilhado em escrever vem a partir da história de uma mulher que partilha sobre seus desejos negados ao longo de sua vida, e que quer escrever sobre sua própria história, ao mesmo tempo que também escrevo sobre meus caminhos, encontros e atravessamentos com ela.

“Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças [...]” (Evaristo, 2021, p. 30)

Em meio a tantos termos que se popularizaram, como o de Escrevivência, abordar com cuidado, buscando entender quais os caminhos que se encaixam entre nós, é algo que procuro fazer para não cair na repetição das ideias. Conceição, no depoimento acima, fala sobre o ato de escrita de mulheres negras com a intenção de ocupar um outro espaço na narrativa das mulheres negras escravizadas, que sempre foi invisibilizada e violentada. Nesta interlocução, não tenho a intenção de enquadrar racialmente minha avó, até porque partiria da minha visão sobre ela. Ao longo desses anos de convivência eu escutei algumas nomenclaturas às quais ela mesma se refere, como morena ou mais escurinha. Assim, minha intenção é trazer à superfície a narrativa de uma mulher que teve sua voz/vozes e desejos silenciados, partindo de um contexto rural até chegar na capital da Paraíba, atravessando sim questões raciais e outras que devem surgir ao longo da pesquisa.

Para entender onde e com quem se passa esta pesquisa, o texto foi dividido em três partes, em que a primeira é “Transitar entre territórios” que fala sobre os quatro principais territórios citados por Nem, a Fazenda São Geraldo (Serraria), Santa Rita, João Pessoa, com uma passagem pela Fazenda Canudos, em Sapé, todos situados na Paraíba. Na segunda e terceira parte eu escrevo sobre duas experiências entre universidade e nossos encontros durante as férias que passo em João Pessoa.

Por um lado existe a voz de Nem que quer contar sua própria história, mas que é inicialmente impossibilitada por não saber ler e escrever, e por outro existe minha vontade em ser esta interlocutora, ajudando a relatar suas escrevivências. Também em meio a estas escritas existe minha voz, que quer entender mais sobre meu próprio território, minhas

origens e trânsitos entre outros territórios, além de outras possíveis vozes que podem aparecer ao longo do trabalho.

Muitas informações foram retiradas a partir de conversas gravadas, que estão em processo de transcrição e fazem parte da metodologia de trabalho que quero seguir. Outras informações são decorrentes de minhas impressões a partir da relação que tenho com Nem e pesquisas a partir dos relatos que ela me traz. Assim, me concentrei em trabalhar a partir dos nossos encontros, geralmente durante as férias da universidade. Um outro motivo importante que me fez começar esta pesquisa foi após a morte do meu avô, José Luiz, que desencadeou muitas mudanças nos nossos cotidianos, e em certa medida transformou a relação eu-Nem.

É convivendo com minha avó que aprendo a costurar, plantar e colher, enquanto escuto suas histórias a partir desses afazeres. Ela tira a palha de côco de cima da casa de taipa, construída no São João de 2023, e fala sobre meu bisavô. Fala que ele era um grande engenheiro, mesmo sem ser alfabetizado, e a pessoa que ele mais adorava no mundo, que ele construiu muitas casas de taipa e que ela morava em uma. Me fala como uma lembrança muito boa e cheia de saudade, com algumas falhas na memória que parecem confundir os tempos.



Figura 01: Arrumando a casa de taipa feita durante o São João de 2023. Fonte: acervo próprio, 2024

Transitar entre territórios

Leonilda Maria da Silva, apelidada de Nem, é paraibana, nascida no ano de 1947. Ela é a quarta filha dentre os dezoito filhos que Maria Severina (Arrudinha) teve, dentre eles nove falecidos ainda bebês. Eu sou sua sétima neta de dez netos, filha da sua terceira filha, gêmea, de sete filhos, dentre eles um falecido ainda bebê.

Nem nasceu em Serra da Raiz, no brejo paraibano, mas cresceu até seus doze anos na Fazenda São Geraldo, em Serraria, nesta mesma região do estado - para situar, as duas cidades ficam a pouco mais de 100 km de João Pessoa. A fazenda São Geraldo era um grande engenho de posse de Antônio de Carvalho (político paraibano) e Pedro de

Carvalho, e ela e sua família, até onde resgatou sua memória, moravam nas terras destes proprietários, com exceção do seu avô Antônio, por parte de pai, que era da Fazenda Saboeiro, sem localização definida. Eles também moraram em outras localidades devido à questões familiares, como a fazenda Gamelas em Borborema.



Figura 02: Provável localização do Sítio São Geraldo, cruzando informações de Nem e pesquisas na internet. Fonte: Google Earth, 2025.

O Sítio São Geraldo, de acordo com uma série de vídeos no Youtube do Museu da Imagem e do Som de Serraria/PB (2022), está em ruínas e não foram encontrados registros consistentes na internet sobre sua localização, apenas um provável endereço em consulta ao Serasa Experian. Ao assistir a estes vídeos com Nem, ela identificou o local que morava, surpresa, mas ao mesmo tempo triste por encontrar ele totalmente descuidado. Ela contou que o sítio pertencia à Antônio de Carvalho, mas que Liro, um político de João Pessoa, comprou a propriedade e passou a plantar cana. Apesar de ainda não ter uma localização precisa do local, o processo de tentar localizá-lo, à distância, está sendo quase como resgatar fragmentos de memórias. Eu perguntei se havia um rio por perto, e ela disse que não tinha, mas que se lembra de um grande açude. Também perguntei se ficava muito distante do Engenho Baixa Verde (fica à aproximadamente uma hora a pé), mas ela disse que não, porém nossos parâmetros são bem diferentes.

Por um lado existe o maior de meus interesses em conhecer este lugar, entender sua formação, saber quem são as pessoas que o habitavam e suas relações, e por outro existem essas memórias de uma menina que queria sair dali para estudar, mas que também fala com saudade. Sobre uma conversa em relação à infância e aos estudos, Nem conta sobre sua saída, ou como ela mesma fala, fuga, da Fazenda São Geraldo para Santa Rita, situada na região metropolitana de João Pessoa:

Meu irmão me mandou buscar por um tio meu, marido de uma tia minha. O trem saía de Borborema de 4 horas da manhã, vindo de Bananeiras, aí vinha pra estação de Borborema. O pessoal por ali que ia viajar, vinha tudinho pra estação de Borborema pra vir pegar o trem de 4 horas da manhã pra vir pra cá pra Cabedelo.

[...] A gente se acordava de 12, a gente não dormia quando vinha pro lado de cá, não dormia não. De Serraria pra Borborema é perto, mas quem morava nas fazendas pra vir saía de noite, de pés, pra vir pra Borborema pegar o trem de 4 horas da manhã. Aí era desse jeito, aí como que a pessoa estudava nessa condição? (Conversa com Nem gravada em 13 de maio de 2024)

Chegando em Santa Rita, Nem foi encarregada de cuidar dos filhos de seu tio, mas mesmo assim tentava frequentar aulas para aprender a ler e escrever, porém suas aulas sempre eram interrompidas porque as crianças precisavam do cuidado dela. Passou-se pouco tempo e, completando 15 anos, ela casou-se com José Luiz da Silva. A história de como ela conheceu meu avô foi contada depois do seu falecimento, entre os cuidados de uma casinha de taipa que tem no seu terreiro, e se estendeu por muitos dias, passando pelo seu processo de se mudar para João Pessoa, morando em bairros mais urbanizados, até se mudar para uma antiga zona rural da capital, Barra de Gramame, que a afastou de acessar muitos espaços importantes para ela, onde mora até hoje.



Figura 03: Vista aérea da chácara que Nem mora, em João Pessoa. Fonte: Google Earth, 2025

Foi nessa chácara que eu recebi boa parte da minha criação, sempre com muita gente envolta para cuidar. Ela foi toda plantada pelos meus avós, que a compraram completamente descampada. Muitos pés de manga, caju, seriguela, sapoti, bananeiras, coqueiros, roças de macaxeira, milho, jerimum e feijão, dentre várias outras plantas que vêm e vão.



Figura 04: Visão área da chácara em 2005. Fonte: Google Earth, 2025.

A Barra de Gramame é um bairro que faz divisa com o município Conde, caracterizada pela proximidade com aldeias do povo Tabajara e quilombos, várias chácaras/sítios e casas alugadas para eventos. Hoje em dia muitos aspectos da urbanidade estão presentes e, em apenas três anos, que correspondem à minha saída de João Pessoa, as mudanças na paisagem foram muito perceptíveis, inclusive as que envolvem os mecanismos da especulação imobiliária, como a construção de condomínios de alto padrão em terrenos há anos abandonados. Um exemplo, que dialoga com o último território a ser apresentado, é o assentamento Margarida Maria Alves, na região da Praia do Sol, que em 2023 foi violentamente invadido por policiais, e as famílias foram despejadas de um terreno que estava sem cumprir sua função social. (G1, 2023)

Assim chego ao último território, por hora, o Assentamento Canudos, na antiga Fazenda Maraú em Sapé, Paraíba. Este foi um dos relatos que surgiu durante um café da tarde com muitas memórias coletivas, em que estavam presentes vó Nem, tia Lila, minha mãe, Analice, e minha prima Mariana.

A gente foi e mandaram a gente fazer uma barraca, porque pra ficar lá tinha que ter uma barraca, de lona, e a gente ficou lá [...] Cada pessoa ia dar seu nome. Quando foi pra gente dar os nomes, que era pra quando saísse a liberação das terras, a gente ia se cadastrar. Aí eu fui e

perguntaram tudo, se eu tinha filho, quantos filhos, com o que é que eu trabalhava, onde trabalhava. (Conversa gravada com Nem em 17 de maio de 2024)

Este foi o começo de uma conversa gravada sobre a experiência da minha avó, tia e mãe no Assentamento Canudos, da Liga Camponesa da Paraíba. Por ora esta gravação está apenas servindo para consulta, sendo necessário ainda uma estrutura melhor pensada para transcrever em palavras escritas seus registros orais, ou ainda outras formas de registro.

Canudos, de acordo com Nem, foi o nome de batismo da antiga Fazenda Maraú, que contava com estrutura de engenho, e estava abandonada há muitos anos. Pesquisando na internet acerca deste assentamento, foram encontradas informações sobre os projetos de assentamento (PA) criados até 2010 na microrregião de Sapé no trabalho de Nielson Polucena “Luta pela Terra e pela Sobrevivência na Terra na Microrregião de Sapé-PB: O Assentamento Zumbi dos Palmares e o Protagonismo dos Jovens”. Dentre os projetos está exatamente o que havia sido relatado nas conversas, acompanhado de informações como a data de criação do PA, em 21 de dezembro de 1998, que condiz com a época que meus familiares se envolveram nesse processo, no início dos anos 2000. (Lourenço, 2011).

Foram relatadas muitas dificuldades em estabelecer este assentamento, que passam pela repartição das terras, pelos furtos nos roçados, pelas tentativas da Liga Camponesa em ofertar aulas e cursos, dentre outras experiências. De acordo com Nem, as terras foram repartidas, mas a sensação foi de um projeto que não deu certo. Buscando outros relatos sobre Canudos, foi encontrado o livro “Memórias do Povo, João Pedro Teixeira e as Ligas Camponesas da Paraíba” que traz as memórias de pessoas que viveram experiências com as Ligas Camponesas na Paraíba, e um deles é o de Maria do Socorro de Paiva, que fala: “O pessoal que foram do tempo da Liga Camponesa, não resta ninguém mais lá (em Maraú)” (Paiva, apud Van Ham 2006, p. 57).

Buscar informações sobre este assentamento foi inicialmente difícil, pois eram encontradas poucas informações sobre ele na internet. No entanto, ao tentar localizar Canudos pelo Google Earth, foi encontrada uma agrovila com o mesmo nome, que

coincide com a descrição de Nem sobre os prédios construídos para aqueles que não queriam morar nas roças.

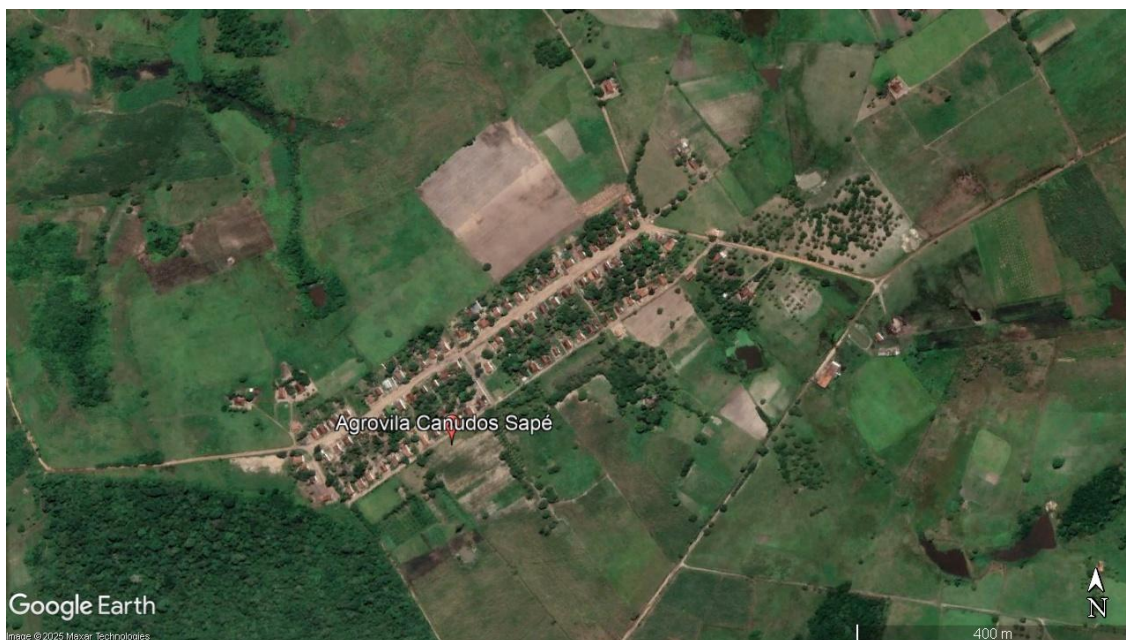


Figura 05: Visão aérea da Agrovila Canudos, Sapé. Fonte: Google Earth, 2025.

A partir dessas informações, foram encontradas mais informações na internet sobre Canudos. Não tenho a intenção de sobrepor um relato ao outro, ou de tomar julgamento das histórias da minha avó em contraponto à outras experiências relatadas, mas sim de compor mais uma história à narrativa deste lugar, ou mais um lugar à narrativa de Nem.

Uma das formas de representar esse trânsito entre territórios, que pretendo ir construindo durante o trabalho, é a contracartografia feita a partir dos relatos orais de Nem, buscando entender estes fluxos e suas relações socioespaciais.

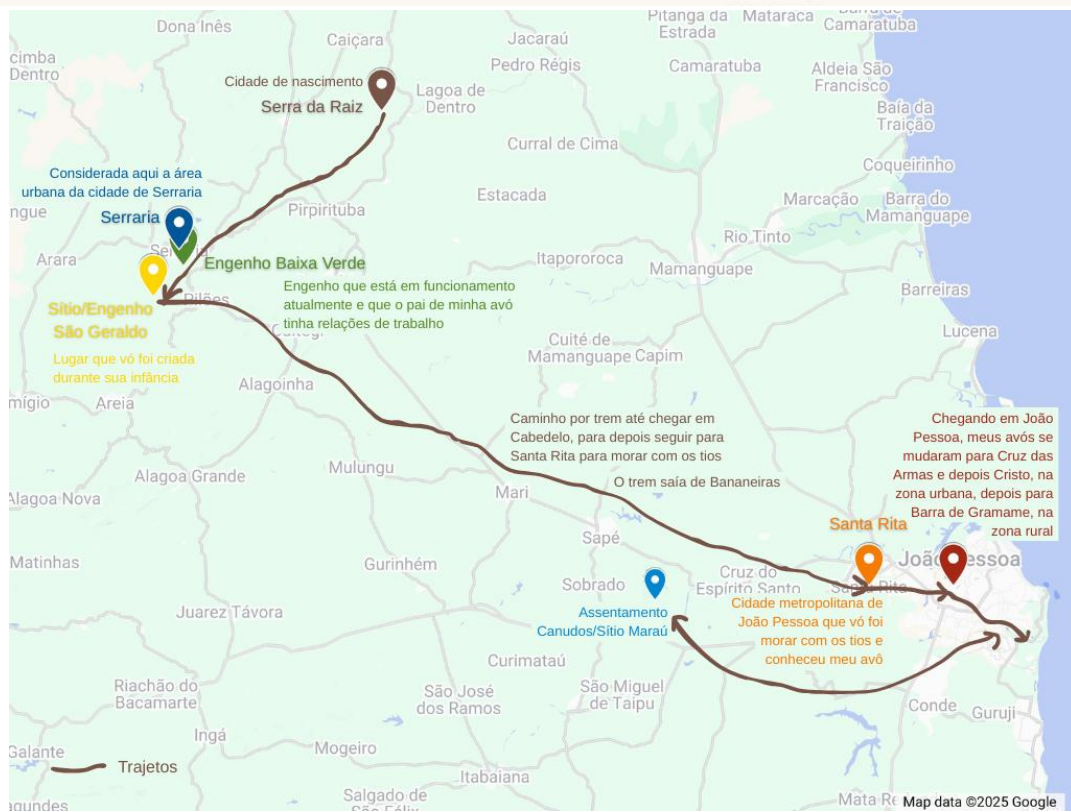


Figura 06: Mapa esboço dos trânsitos entre territórios. Fonte: My Maps editado no Canva, 2025.

Disciplina Pflex: Biointerações Arquitetônicas em território Xukuru Kariri

Foi muito difícil estar longe do meu avô e da minha família durante esses meses que ele foi piorando do câncer. Ele passou muito tempo internado, e minha mãe estava com ele quase todos os dias da semana no hospital Padre Zé. Eu fazia chamada de vídeo e tentava conversar com ele, mas quanto mais o tempo se passava, mais difícil era a comunicação. Meu avô era construtor e vivia me falando pra construir minha casa do terreno dele, acho que pra não ficar longe deles. Essa insistência foi crescendo à medida que ficava difícil da gente conversar, por conta da audição dele, e com o tempo eu fui percebendo que ele não queria deixar minha vó e minha tia sozinhas. Meu avô foi quem me ensinou a jogar baralho, dominó, a construir e a fazer fogueira. Muitas dessas coisas eu aprendi só de observar mesmo, porque ele não deixava fazer. Vô me chamada de "maga véa" e acordava a gente antes mesmo do galo cantar. Dormia uma cambada de gente em todo canto da casa, principalmente quando tinha festa. Três redes e dois colchões na sala, mais umas quatro redes no terraço, fora o pessoal nos quartos. Mas davam 6 horas da

manhã e ele não queria ver ninguém dormindo depois que ele acordasse, ligava o rádio alto pra ouvir notícia e forró. Ele gostava quando sentavam perto pra perguntar sobre a vida dele, às vezes nem precisava fazer pergunta. Mas na época, por conta da dificuldade de comunicação, eu acabei me distanciando e ressinto isso. Foi em março de 2024 que ele morreu, eu estava pras bandas de Minas Gerais, e depois disso quem mais me contou sobre ele foi minha avó. Quando eu fui passar um tempo com ela, logo após seu enterro, escutei histórias que ela nunca tinha me contado, mas que pareciam guardadas há muito tempo.

Eu inicio este capítulo com um relato pessoal sobre meu avô José Luiz, Seu Zé, escrito durante o ano de 2024. Este não é um texto sobre meu avô, mas sua vida é intimamente ligada à de minha avó e de todos nós que crescemos ao seu lado. Apesar de sempre ser próxima de vó Nem, posso dizer que foi após a morte de vó Zé que quis ainda mais conhecer suas histórias, talvez por conta do luto. Nem passou a ser agora a referência central da família, papel que foi sendo aos poucos atribuído a ela em decorrência do gradual adoecimento de Seu Zé.

Em maio de 2024, após seu enterro, e utilizando dos dias sem aula devido à greve nacional dos servidores públicos, viajei para João Pessoa a fim de passar alguns dias com minha avó, sem data de retorno. Acabou que as aulas retornaram e eu ainda estava na Paraíba, então fiz alguns combinados com os professores para que eu não me prejudicasse na universidade. Um deles foi com a professora Priscila Musa, que estava lecionando a disciplina “Biointerações Arquitetônicas em Território Xukuru-Kariri”. Eu precisava pesquisar sobre construções tradicionais indígenas e construir uma maquete, porém perguntei se não poderia pesquisar junto à minha avó o que era uma construção tradicional para ela, aproveitando uma casinha de taipa que minha família construiu no São João do ano anterior, e também tentando conversar à outros modos em meio ao luto.



Figura 07: Casinha de taipa construída pela família no São João de 2023. Fonte: acervo próprio, 2024.

Depois de alguns dias de chuva, estiou, e eu pedi a minha avó para dar uma arrumada na casinha porque eu queria que ela fosse minha maquete em tamanho real - mas também eu queria muito que a gente fizesse algo juntas para distrair. Ela não quis de início, mas certo dia ela acordou cedo e me deu ordem para ajudar ela nas arrumações. Nessa se juntaram minha tia e minha prima também. Tiramos a palha de côco do telhado, das laterais, varremos o chão que tinha acumulado muita areia e tentamos fechar as laterais novamente com madeira, mas não conseguimos avançar muito nisso. Eu queria preparar o barro para fazer o barreamento das paredes, mas vó dizia que estava em época de chuva e não seria uma boa ideia. Fiquei com isso na cabeça por uns dias, um pouco frustrada com a chuva porque queria que aquela fosse minha maquete, e que ficasse pronta antes de eu ir embora.

Lembrei de uma experiência parecida na Terra Indígena Xakriabá, durante uma disciplina da Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG, em 2022, que levou vários alunos para o território. Estávamos construindo uma casa de enchimento (taipa) em meio a muita chuva, com as orientações de Dona Telvina e Nei Xakriabá. Dois

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

anos depois, em uma entrevista sobre este processo construtivo, Nei fala sobre a relação entre o tempo do barro, da natureza e o nosso próprio tempo, que muitas vezes não correspondem entre si:

Acabou que nesse dia do primeiro evento com o pessoal da arquitetura, a gente teve uma dificuldade enorme, porque foi naquela primeira semana de novembro do dia 2, dia de Finados. Vocês chegaram por aqui e foi nessa semana que tava com muita chuva. Tinha muita chuva naqueles dias e acabou que essas atividades, todas elas, foram um pouco afetadas pela chuva, que na verdade a chuva era uma coisa que também estava sendo muito esperada por nós, porque para nós a chuva nunca é tempo ruim. Para nós a chuva sempre é tempo bom. (Entrevista concedida por Nei Xakriabá ao Programa Morar Indígena em 26 de agosto de 2024)

Devido ao tempo da natureza, não concluímos a renovação da casinha, então fiz uma maquete com galhos, palha de milho e palha de côco com ajuda da minha tia. Entretanto, todo o processo de limpar a casa foi acompanhado de memórias compartilhadas, memórias que foram as primeiras conversas diretas que tive com minha avó sobre a sua história, sobre seu pai que construía casas iguais àquela, sobre sua fuga na infância e seu casamento com José Luiz.

Disciplina Arte, Arquitetura e Ciências Humanas

No primeiro semestre de 2025, logo após retornar de João Pessoa, me matriculei na disciplina Arte, Arquitetura e Ciências Humanas, da professora Renata Marquez. Desta vez eu fui em busca de referências que me ajudassem nesse percurso/pesquisa familiar que eu gostaria de iniciar, com muitos desejos embaralhados na cabeça.

Uma das leituras que me chamou atenção foi o texto *Tornar-se Selvagem*, de Jerá Guarani, publicado pela revista Piseagrama.

Por trás da ideia de trabalhar cada vez mais a autonomia e a soberania alimentar guarani, há o objetivo de manter este povo forte. Porque a comida transgênica que vem da cidade não deixa as pessoas fortes de verdade. A comida guarani tradicional alimenta o corpo e alimenta o espírito também. Isso significa que as pessoas ficam fortes para continuar lutando. Para defender a natureza, o nosso modo de ser guarani, temos que estar fisicamente fortes, espiritualmente fortes. (Guarani, 2020).

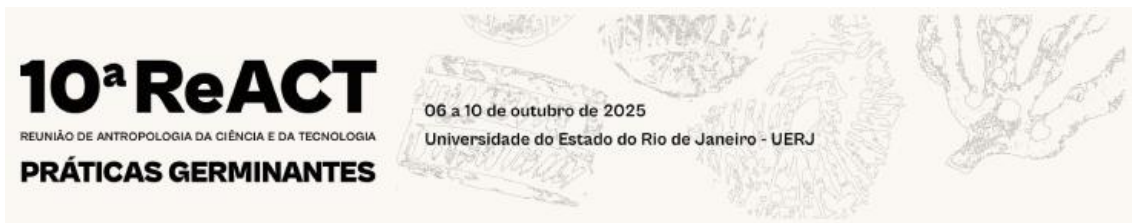
Jerá, acompanhada de muitas mulheres ilustradas por Carolina Caycedo, traz sua perspectiva como indígena guarani, etnografando os juruá (brancos). Ela conta sobre o processo de contaminação da sua cultura pelos juruá, trazendo reflexões sobre este controverso mundo civilizado, seguido dos seus projetos para fortalecimento da cultura guarani. Este fortalecimento da cultura vem de múltiplos fatores que dependem entre si. Nesse aspecto, Jerá fala principalmente sobre a retomada da alimentação tradicional guarani, livre de venenos do mundo dos juruá. Para isso é preciso ter terra. Para isso é preciso plantar, Para isso é preciso se tornar selvagem.

A apresentação desse texto para a turma foi uma das atividades realizadas na disciplina, e aconteceu na horta da Escola de Arquitetura da UFMG, um espaço coletivo de cuidado do qual faço parte. Ler ele me lembrar da vez que vó Nem me falou com muito orgulho que é agricultora, também. Que ela queria que eu encontrasse milho colorido por Minas Gerais para ela plantar. Que levei escondida uma muda de umbu em um ônibus da Bahia para a Paraíba, porque um dia ela falou que queria ter um pé dele. Que quando era pequena se lembrava de ir com o pai em um lajedo e, lá no topo, tinha um umbuzeiro.

Que tudo demanda tempo e cuidado. Plantar milho, esperar, colher, ralar e fazer canjica. Costurar bandeirolas de São João, fazer boneca de pano e vestir elas. Fuxicar e enfeitar a casa com estandartes de santos. Tirar palha de côco e trançar arcos na entrada da casa. Ouvir forró entre tudo isso.

Em uma das estadias na casa dos meus avós, pedi a vó Nem para me ensinar a costurar os retalhos que ela faz, porque eu queria fazer uma fronha de travesseiro. Ela me explicou como faço para cortar os pedaços de pano, que tem os retalhos de três e de quatro tiras, e como costurar todos juntos. Depois deixou eu tentar costurar sozinha. Claro, foram muitas costuras desfeitas até eu entender como funcionava, e ela tentava costurar junto comigo, mas a cada hora saía algo errado. No fim, Nem que finalizou sozinha a fronha, e eu acabei levando alguns retalhos prontos comigo para tentar costurar em outro momento.

Assim, retomando para a disciplina, o trabalho final consistia em produzir até cinco páginas tamanho A5 referente a algum dos temas abordados durante as aulas. Lembrei dos retalhos de vó. Ainda sem saber costurar muito bem, fiz muitas tentativas de



juntar essas cinco páginas-retalhos e, por um erro de costura, acabei criando um bolso ao forrar as páginas com chita. Esse bolso acabou abrigando os trabalhos dos demais alunos, como um livro-objeto de retalhos.

Leonilda Maria da Silva, de sua neta: Maria.



Figura 08: Livro-objeto de retalhos. Fonte: acervo próprio, 2025.

Referências

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós*. [S.l.]: Itá Social / [s.n.], 2021. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 19 out. 2025.

GUARANI, Jerá. Tornar-se selvagem. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, n. 14, p. 12-19, jul. 2020.

G1. Justiça determina despejo de famílias em assentamento de João Pessoa e entidades denunciam violações de direitos. G1 – Paraíba, 23 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/11/23/justica-determina-despejo-de-familias-em-assentamento-de-joao-pessoa-e-entidades-denunciam-violacoes-de-direitos.ghtml>. Acesso em: 19 out. 2025.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

LOURENÇO, Nielson Polucena. *Luta pela terra e pela sobrevivência na terra na microrregião de Sapé-PB: O Assentamento Zumbi dos Palmares e o protagonismo dos jovens*. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/60/1/NPL02102012.pdf>. Acesso em: 19 out. 2025.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE SERRARIA-PB. *Serraria, sua história e sua gente – Engenho São Geraldo_01* [vídeo]. YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZEfomjcGipI>. Acesso em: 19 out. 2025.

VAN HAM, Antônio M. (org.). *Memórias do Povo: João Pedro Teixeira e as Ligas Camponesas da Paraíba – Deixemos o povo falar...* João Pessoa: Ideia, 2006.